MINHO



Os arrabaldes de Braga — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

Quem ha ahi que não conheça por seus proprios olhos, ou não saiba por tradição, quanto são formosos os arrabaldes de Braga? Bastava-lhes para celebridade o Bom Jesus do Monte, não só por ser entre todos os sanctuarios de Portugal o primeiro em riqueza de edificações, mas tambem pelas muitas e variadas bellezas naturaes da localidade.

Ainda, porém, que lhes faltasse este monumento da piedade christã, tão gentilmente sentado em alto throno de perennes verdores, d'onde brotam purissimas aguas em muitas e graciosas fontes, ainda assim teriam nomeada os arrabaldes da cidade primaz.

Por toda a parte se vêem terrenos accidentados, logares muito pittorescos, e sitios de singular amenidade. Arborisados e frescos valles, por onde correm o rio Déste, e outros ribeiros; prados sempre tapetados de relva e de mimosas plantas; campos em que as searas se succedem quasi sem interrupção, debruados de longa fileira de carvalhos e castanheiros por onde trepam e se entrelaçam as videiras; collinas todo o anno a verdejar; a serra da Falperra com a sua coroa de penedos, e com o seu manto de florestas; mil fontes fertilisando a terra, e refrescando o ar; e, finalmente, atravez da folhagem dos arvoredos, ou por entre o viço dos prados a alvejarem casinhas rusticas, ou as residencias mais alindadas e confortaveis de alguma quinta; taes são os quadros risonhos que cercam a cidade de Braga.

Se as quintas d'aquelles contornos não sobresáem pela magnificencia dos jardins, nem pela riqueza das obras d'arte, recommendam-se todavia pelos variadissimos encantos da paizagem, e por essas pompas da vegetação que constituem uma das feições caracteristicas da bella provincia do Minho.

A perspectiva da quinta do Armont, que faz o assumpto da gravura junta, não é por certo d'aquellas que arrebatam e extasiam os olhos do viajante, que percorre o Minho. Não representa nenhuma d'essas scenas da natureza, que alli a miudo se encontram, ou grandiosas pelos traços, ou esplendidas pelas galas, ou em fim pittorescas pelos contrastes. Mas é um painel cheio de amenidade que enleva docemente o espirito. Tudo n'elle é viço e frescura. São de branda relva os comoros do caminho. Servem-lhe de paredes, com a sua espessa ramagem entresachada de fructos, arvores fructiferas e silvestres. Fazem alas elevados e esbeltos castanheiros, de copa arredondada e tronco liso, por onde as vides vão subindo em caracol, para cairem depois em longos festões. No fundo do caminho branqueja a casa d'Armont sob um docel de folhagem, e toda encaixilhada em verduras. I. DE VILHENA BARBOSA.

CHIQUINHO

(IMITAÇÃO DE UM ROMANCE DE CARLOS DESLYS)

(Vid. pag. 314)

Minutos depois, a nossa choupana tornára ao seu silencio, e nós procuravamos debalde uma palavra digna para consolar a immensa dor d'aquelle pae.

De repente, do canto mais escuro da casa, soltou-se um suspiro.

— Quem está ahi? exclamou o senhor Fonseca. Quem, além de nós tres, conhece o meu segredo?

Precisarei dizel-o? Era Chiquinho. Suspeitára de alguma coisa, e impaciente de conhecer a verdade entrára em casa atraz dos medicos, e ouvira tudo.

— Infeliz pequeno! disse o senhor Fonseca. Agora já não posso deixar-te aproximar de minha filha, porque, disseram-no elles, uma indiscrição a mataria.

— Oh! redarguiu Chiquinho vivamente. Oh!... Não receie por eu saber tudo. Não lhe direi nada a ella, juro-lhe!

Na voz da criança, no seu olhar, havia uma tal energia, uma tão intelligente vontade, que outro que não fosse um pae afflicto teria logo depositado confiança n'elle.

— Se for coisa possivel, partiremos sem ti, concluiu inflexivelmente o sr. Fonseca, que voltou costas em seguida.

Mas, por mais rogos, por mais subterfugios que se empregassem, a menina D. Eugenia não quiz consentir em partir n'esse mesmo dia senão com a condição de que Chiquinho os acompanharia na viagem.

Quando o sr. Fonseca veiu trazer-nos a noticia, não precisou mais do que olhar Margarida, e dizer-lhe uma palavra para que immediatamente ella exclamasse:

— Leve-o! Leve-o, senhor!

— Infelizmente por pouco tempo será!

— Pedirei a Deus que elle não volte senão d'aqui a um ou dois annos, mas que seja com a menina, concluiu Margarida.

D'esta vez a honrada mãe estava serena e resoluta; não pensava sequer em chorar. Em quanto a Chiquinho, quando renovou a promessa de não revelar o que sabia, dir-se-hia um homem que prestasse juramento.

N'essa mesma noite, a familia Fonseca deixava Giraldes.

Quando partiu o carro em que iam, estava a descer a noite. Uma linda noite de agosto, uma noite calmosa, uma noite azul, uma noite recamada de estrellas...

VII

A doente chegou á ilha da Madeira fatigada, e quasi morta. Por mais precauções que se tomaram, a viagem cançou-a muito. Durante os primeiros dias, ficou mergulhada n'uma atonia profunda, n'uma immobilidade quasi completa. Dir-se-hia um somno lethargico. Depois, de repente, similhante á filha de Jairo acordando ao chamamento de Christo, levantou-se lentamente do seu leito, abriu muito os olhos como pasmada, estendeu os braços para diante, e olhou em redor de si.

— Mas é a vida, isto! exclamou, ao espalhar a vista pelas magnificencias d'aquella terra. Renasço! Estou salva! Existo!

Estavam alli ao pé, pelos modos, n'essa occasião, o sr. Fonseca e a senhora, o Chiquinho, a mestra, amigos, criados... Foram transportes de alegria, foi um verdadeiro *Te Deum* de victoria!

Alguns dias decorreram ainda sem que ella podesse descer á rua e passear. Depois, o milagre de Giraldes renovou-se, porém mais lentamente, e de uma fórma menos completa. Nos fins do outono, a menina D. Eugenia havia-se tornado a fresca e doce creatura que pela primeira vez nos tinha levado Chiquinho no anno antecedente.

Para sua mãe, para todos, era considerada livre de perigo. Mas não para Chiquinho nem para o sr. Fonseca, que unicamente tinham ouvido a decisão dos medicos, e que ambos haviam guardado segredo. Muitas vezes o pobre pae chamava o pequeno de parte, e depois de lhe haver de novo recommendado silencio, murmurava com triste incredulidade:

— Foi positivamente isto o que em Giraldes me prometteram; que a sua vida se iria prolongando como a de uma flor posta ao abrigo do vento... algumas semanas... alguns mezes talvez, mas eis tudo! As leis da natureza são inexoraveis.

Chiquinho tinha melhor esperança no futuro, e por essa epocha escrevia-nos elle:

«A saude da minha querida irmã Eugenia váe-se restabelecendo de dia em dia. Que razão ha para que os medicos não se tenham enganado? Além de que, elles bem o disseram: — Ainda nos restam duas esperanças, Deus e o sol. Sol temos nós aqui no outono mesmo, capaz de alegrar mil almas. Em quanto a Deus, pedi-lhe nas minhas orações, e tanto hei de pedir-lhe ainda... Oh! Sim! Ella ha de viver! Viverá!»

Todo o inverno se passou sem que nenhum indicio penoso parecesse dever desmentir a crença de Chiquinho. A temperatura continuava a ser das mais favoraveis, e chegava a esquecer-se completamente a data que marcava a folhinha. Os receios do proprio sr. Fonseca principiavam a apagar-se do seu espirito. Em quanto a sua filha, apenas se recordava de haver estado doente; acreditava na vida como em Deus!

A primavera chegou.

A convalescente sentiu então um cançaço extremo. Fez tudo que póde para disfarçar, mas pouco tardou que perdesse de novo a côr que lhe tinha voltado. O appetite fugia-lhe, e a aterradora pallidez d'outr'ora retomára posse do seu rosto, mas n'um tom mais aterrador do que ao principio. Queixou-se de violentas dores de cabeça, e de accessos de febre que a devoravam. Depois, de repente, esfriava-lhe o sangue de tal fórma que parecia não circular, e as mãos tornaram-se-lhe geladas como as de um cadaver.

Evidentemente os symptomas eram terriveis, e cada um lhe avistava a morte. Mas, por uma graça especial de Deus, ella nada suspeitava ainda, e, á

com a morte na frente, continuava a sorrir ao futuro!

Infelizmente as tisicas na ilha da Madeira são em grande abundancia, e por esse tempo abriram-se umas poucas de sepulturas novas. D. Eugenia observava a ausencia de alguns rapazes e de algumas meninas, a quem encontrava ordinariamente em casas suas conhecidas, e que de repente tinham desapparecido. Informou-se do que havia sido feito d'elles — «Voltaram á sua terra!» respondeu-se-lhe. Ella acreditou, ou, pelo menos, fingiu acreditar; mas, já o seu sorriso se tornava inquieto, timido, contristado.

N'uma casa da visinhança morava uma menina ingleza, pouco mais ou menos da sua edade, com quem se havia mais particularmente ligado. Passou-se uma semana sem se ouvir fallar d'ella. Manifestou desejo de ir fazer-lhe uma visita, e, depois de alguns adiamentos, uma noite saíu de casa sósinha para esclarecer o presentimento que lhe atormentava o espirito.

Pobre menina! Cuidára que a sua amiga estava doente, e mal pensava que nunca mais a veria!

Ao chegar, encontrou a porta da rua aberta de par em par, o jardim apinhado de uma multidão silenciosa, a casa ás escuras, e no limiar, entre tochas accesas, um esquife ornado de branco — o da joven ingleza.

D. Eugenia não soltou sequer um grito; caíu como ferida do raio.

Instantes depois, quando a conduziram para casa, estava desmaiada e livida como morta.

Oh! Esse ultimo golpe havia sido terrivel para a pobre criança.

Voltou á vida, todavia; mas a um torpor singular succedeu uma crise mais aterradora ainda. Durante toda a noite esteve preza de uma febril exaltação, de uma especie de delirio convulsivo. Apoderaram-se d'ella estranhos terrores, e embrulhando-se nos lençóes, collando-se á parede como para fugir de uma apparição ameaçadora, exclamava entre soluços:

— Não quero que me deitem assim n'um tumulo! Porque me hão de enterrar, se estou viva ainda? E depois, eu sinto-me tão bem aqui! Para que vieram mostrar-me esta natureza a sorrir? Morrer aos dezesete annos, eu, que nunca fiz mal a ninguem! Oh! que Deus me poupe! É tão bom viver! Ainda não, ah! ainda não! Não quero morrer ainda!

A este estado seguiu-se um abatimento, que pouco a pouco se transformou em somno; mas, pelos modos, via a morte nos sonhos erguer-se-lhe á cabeceira, e estender para ella os braços descarnados, porque de tempo em tempo punha-se a tremer toda, e a través das palpebras fechadas lhe caíam grossas lagrimas.

(Continua) JULIO CESAR MACHADO.

ESTATUA DE FRANKLIN

(Conclusão. Vid. pag. 260)

Quando rebentou esta revolução na America ingleza, estava Franklin em Londres, mas nem por isso deixou de tomar parte n'ella, por via da activa correspondencia que mantinha com os principaes fautores da independencia das colonias, e pela sua sagacidade em contraminar os projectos do ministerio inglez, a ponto de lhe interceptar os officios em que se dava ordem para anniquilar os insurgentes. Estes officios transmittiu elle á assemblea geral de Massachuwets (Boston), onde foram lidos, o que serviu de exacerbar ainda mais os cabeças da revolução.

Regressou Franklin em 1775 á America. Tomou assento no congresso, reanimou a coragem de alguns deputados que estavam abalados pelas ameaças ou pelas promessas dos generaes inglezes; fez uma viva pintura da triste situação da Inglaterra; provou que a disposição dos animos em todas as colonias assegurava o triumpho completo da sua liberdade; e annunciou que a França e a Hespanha estavam promptas a dar auxilio a todas as tentativas que podessem enfraquecer a Grã-Bretanha. Desde então romperam-se todas as negociações com a metropole; e a 4 de julho de 1776 o congresso proclamou solemnemente a independencia da America, cujo auto foi redigido por Franklin.

No entretanto a Inglaterra enviava uma poderosa armada com tropas de desembarque para suffocar a revolução. Os americanos, reduzidos aos seus poucos recursos militares, esperavam os soccorros da França. Mas, com quanto os francezes, amigos de innovações, e imbuidos nos principios philosophicos propagados pelos escriptos dos ultimos trinta annos, applaudissem com enthusiasmo a revolução da America, o gabinete de Versailles hesitava em se declarar abertamente. Um agente de Franklin ficára encarregado de instar pelas promessas do governo francez, mas nenhum resultado obtivera.

Então o resoluto Franklin entendeu que era urgente voltar elle proprio a Paris, onde havia poucos annos fôra recebido com ovações, pelos sabios como philosopho, e pelos politicos como estadista. Desembarcou em Nantes no mez de setembro de 1776. As colonias estavam em tal situação financeira, que não lhe podendo dar dinheiro para as despezas da missão, viu-se elle obrigado a trazer uma carregação de tabaco. Isto fez lembrar os deputados da Hollanda, quando este paiz conquistou a liberdade, os quaes chegaram a Bruxellas com um comboio de arenques para pagar as suas despezas; coincidencia esta que foi tomada por bom augurio.

Como o gabinete de Versailles não tinha ainda rompido com a Inglaterra, não podia reconhecer um negociador americano, pelo que Franklin não foi apresentado á corte, mas teve logo algumas conferencias secretas com os ministros. Assim que se soube da sua chegada, immediatamente foi procurado pelos lords, pelos philosophos, e por todas as pessoas de distincção: os philosophos sobre tudo, que dirigiam então a opinião publica, lisongeados de verem que tal homem era dos seus principios, e os ia estabelecer n'um estado tão remoto como vasto, publicamente o exaltavam e afamavam.

Voltaire estava a esse tempo em Paris; não havia honras que lhe não fizessem; recolhia o fructo dos seus trabalhos na capital do reino que elle tanto illustrára pelas suas obras. Franklin e Voltaire tiveram largas conferencias sobre a generosa empreza dos americanos, e a respeito do futuro que estava reservado áquelle grande povo. Conta-se que na primeira visita de Franklin a Voltaire, este começára a fallar em inglez, estando presente sua neta mad. Denis, que o interrompeu dizendo que Franklin sabia francez, e que ella queria ter o gosto de entender a ambos. Voltaire respondeu-lhe: Minha sobrinha, não posso deixar de ceder á vaidade de fallar a lingua de mr. Franklin. Quando este se despediu, disse ao neto, que levava comsigo, que pedisse a benção a mr. de Voltaire. «Deus, liberdade, tolerancia,» exclamou Voltaire estendendo a mão sobre a cabeça do menino, «é esta a benção propria do neto de Franklin.»

O nome d'este grande homem andava na bocca de todos os habitantes de Paris; davam-se por felizes os que o viam e ouviam. Os homens credulos, diz um historiador contemporaneo, viam n'elle um

sabio da antiguidade que tinha resuscitado para dar lições austeras e exemplos generosos aos povos modernos. N'elle personificavam a republica de que era representante e legislador; suppunham em todos os americanos as virtudes d'este seu honrado compatriota; julgavam-no até similhante a elles na gravidade e serenidade da physionomia. Os proprios cortezãos ficavam impressionados da dignidade natural de Franklin, e de lhe descortinarem a profundeza do homem d'estado. Até a exotica simplicidade do seu vestuario, contrastando com o luxo de Paris, contribuia para elle ser notado pelo povo. Por toda a parte se via o seu retrato com esta inscripção, attribuida a Turgot: [1]

Eripuit cœlo fulmen, sceptrumque tyrannis.

Tirou o raio ao ceo, e o sceptro aos despotas.

E o que é para admirar, é que na corte de Luiz xv se tolerava, e ainda se respeitava, *o sceptro tirado aos despotas.* No meio d'este concurso geral, o que mais lisongeava Franklin era ver-se continuamente rodeado pelos jovens officiaes do exercito, pedindo-lhe novas do estado da revolução da America, mostrando todos elles desejo de ir participar dos perigos e das glorias da nova republica.

Mas, não obstante este apoio da opinião publica, apesar das suas instancias, Franklin não via dar seguimento ás negociações. Apenas La Fayette, sem esperar a resolução do governo, tinha partido para a America abordo de um navio armado á sua custa.

No entretanto Franklin apresentou ao governo francez um plano de operações de facil execução, de exito seguro, e que devia dar um golpe terrivel no poderio inglez. O gabinete de Versailles hesitava em empenhar-se n'uma guerra tão dispendiosa, quando as suas finanças se achavam em estado de não poder sequer pagar as despezas correntes.

A final, a persistencia de Franklin obteve, no mez de fevereiro de 1778, que a França reconhecesse a independencia da America ingleza, e concluisse com elle um tratado de alliança offensiva e defensiva. Para que se veja como a politica é fraudulenta, convem saber, que o embaixador francez em Londres teve ordem de declarar ao governo inglez, que este tratado não alterava em nenhum ponto as relações pacificas das duas potencias!

Só então é que Franklin foi apresentado no paço. Mad. du Deffaut, n'uma das cartas a mr. Walpole, descreve d'este modo a recepção do agente republicano em Versailles. «Franklin ia acompanhado de uns vinte *insurgentes*, quatro dos quaes vinham de farda. O Franklin vestia casaca direita de veludo côr de abobora menina, calção azul, e meias brancas. O cabello caía-lhe nas costas, trazia uns grandes oculos, e um chapeo branco de tres bicos debaixo do braço. Julgo que o chapeo branco é symbolo da liberdade. Não sei qual foi o teor do discurso que elle fez, mas a resposta do rei (Luiz xvi) foi muito lisongeira, tanto para os Estados-Unidos como para Franklin».

Depois d'isto negociou Franklin um emprestimo em França e na Hollanda, sem o que os americanos não conseguiriam proseguir e terminar a empreza de vencerem o poderio da Grã-Bretanha. São bem conhecidas as scenas heroicas d'esta guerra, em que a marinha franceza tanto se distinguiu, e o amor da independencia obrou prodigios memoraveis. Derrotas successivas desenganaram os inglezes de que era impossivel submetter os americanos. O aprisionamento de lord Cornwallis e do seu exercito decidiram finalmente o rei de Inglaterra a largar as colonias. Os preliminares da paz foram assignados em Paris a 30 de novembro de 1782; mas Franklin, zelando os interesses da sua patria, não esqueceu os da França que tanto a auxiliára; não subscreveu o tratado definitivo da independencia dos Estados-Unidos, senão quando se assentou no restabelecimento da paz entre os gabinetes de Versailles e de S. James. Por este tratado, a França obteve a indemnisação dos sacrificios que fizera para manter esta guerra.

Franklin conservou-se em Paris até á conclusão da paz, e mais algum tempo depois. Ahi, apesar da activa occupação que lhe exigiam os negocios publicos, não cessou de se applicar ao estudo das sciencias e da litteratura, e foi n'esse tempo que elle publicou algumas obras de moral e de philosophia. Luiz xiv o nomeou para vogal da commissão encarregada de examinar o magnetismo, cujo descobrimento elle teve por uma invenção de charlatães!

Por este tempo sentiu-se doente, e quiz ir descançar e morrer no seu paiz natal. Pediu e obteve a sua exoneração da enviatura de Paris em 1785.

A sua entrada em Philadelphia foi um verdadeiro triumpho romano; todas as corporações do estado, todos os cidadãos, innumeraveis camponezes, o foram buscar a bordo, e o conduziram á cidade entre as alas do povo que o victoriava com as mais sinceras e gratas acclamações. Convocado logo para o conselho supremo, foi dentro em pouco eleito presidente. Mas não lhe permittindo o seu estado de saude continuar a assistir ao conselho, retirou-se dos negocios publicos em 1788.

Era Franklin de temperamento robusto, e gozára de perfeita saude até que no fim da vida começou a padecer de gotta. D'esta enfermidade escreveu um dialogo, quando esteve em França, que é a mais engraçada e alegre das suas obras.

Em 1789, apesar de muito doente de gotta e pedra, tendo já 83 annos, ainda escrevia para os jornaes, e foi então que n'um d'elles inseriu com o pseudonymo de «Historicus», um artigo notavel a respeito da liberdade dos pretos. Figurou elle um discurso pronunciado no divan de Argel contra a pirataria, onde todos os argumentos a favor da escravidão dos pretos, são engenhosamente applicados á justificação dos piratas.

Aggravando-se-lhe as dores da enfermidade, que o não deixavam socegar um momento, dizia que receava não poder supportar, como devia, as dores com que o Omnipotente provava a sua resignação; que elle sabia quanto a Providencia o beneficiára, elevando-o da obscuridade em que nascêra á consideração que gozava entre os homens; e por isso as dores que no fim da vida lhe fazia sentir, eram para o desgostar do mundo onde já não estava capaz de desempenhar o posto que a sua infinita sabedoria lhe tinha designado.

Finalmente no dia 7 de abril de 1790 se apagou esta brilhante luz da sciencia, da moral, e da liberdade da America.

A sua morte foi deplorada por todos os povos cultos. O congresso americano ordenou que toda a confederação se vestisse de lucto por dois mezes. Mirabeau, na assembléa nacional de França, pronunciou um famoso discurso em tributo de homenagem ao homem que dois mundos reclamavam; ao sabio que a historia das sciencias e a dos imperios se disputavam; ao varão que tantos beneficios fizera á humanidade; propondo que a França esclarecida e livre désse um testimunho de saudade e respeito a um

[1] Mr. Ampére diz na sua recentissima obra: *Histoire romaine a Rome*, que Numa tinha precedido Franklin na *arte* de encaminhar o raio, e tanto que o verso de Turgot (que citâmos) applicado a Franklin, é quasi o mesmo que Manlio fez a Numa:

Eripuitque Jovi fulmen viresque tonandi,

excepto a allusão á gloria de Franklin, maior que a de submetter o raio — a gloria de ter libertado a sua patria.

dos maiores homens que hão servido a philosophia e a liberdade, decretando tres dias de lucto nacional, proposta que foi unanimemente approvada.

A humanidade, a probidade e a franqueza eram as virtudes predominantes de Franklin. Austero na vida publica, tratavel na vida intima, de genio prazenteiro, de inalteravel tranquillidade nos negocios mais arriscados e importantes; prevenindo as enfermidades e os desgostos pela temperança e pelo trabalho, e este sempre com um fim util á sociedade, tal era o caracter d'este grande homem.

Nascido sem bens da fortuna, destinado por seu pae a ser operario, nem tendo recebido mais que a instrucção primaria, foi elle proprio que se elevou, pelo estudo e pela probidade, á cathegoria de um dos primeiros homens do seu seculo. Activo, laborioso, perseverante, soube vencer a humildade da sua sorte, sem enredos nem valimentos, mas pelo seu talento, e pelos serviços que prestou á patria. Alargou os horisontes da sciencia com importantes descobrimentos, e conquistou um logar eminente entre os estadistas, os moralistas, os philosophos, e os litteratos.

Nenhum revolucionario deixou ainda tão boa e immaculada memoria, porque este não foi ambicioso, e só conspirou para o bem da sua terra, e para desaffronta da dignidade humana.



Vacca leiteira

O seu testamento continha muitas clausulas notaveis, entre ellas a seguinte:

«Lego ao general George Whashington, meu amigo e amigo da humanidade, a bengala de macieira silvestre de que me sirvo para passear, a qual tem um pomo de oiro artisticamente obrado, representando o barrete da liberdade. Se esta bengala fôra um sceptro, pertenceria a Whashington, porque o mereceu.»

Tambem deixou escripto o seu epitaphio, que se por um lado prova mau gosto litterario, por outro dá-lhe honra em se referir unicamente á sua primeira profissão de typographo. Ei-lo:

«Aqui jaz, para pasto dos vermes, o corpo de Benjamim Franklin, typographo, como a capa de um livro velho, com as folhas arrancadas, o doirado e o rotulo apagado; mas a obra não se perdeu, porque ha de apparecer outra vez, como elle creu, em nova e melhor edição, revista e correcta pelo auctor.»

As suas obras de physica foram traduzidas, a primeira vez, na lingua franceza, em 1773. A «sciencia do bom Ricardo», com o discurso que Franklin pronunciou á barra do parlamento inglez na questão do sêllo, foi impresso por Didot em 1792.

Franklin tinha começado a escrever as memorias da sua vida; mas chegou só até ao tempo em que se retirou dos negocios publicos. Imprimiu-se essa parte em 1791, que é escripta com tal franqueza e candura, que torna ainda mais amavel o seu caracter. De todas as suas obras notaveis ha varias edições e traducções em quasi todas as linguas cultas.

Em 1792 erigiu a cidade de Philadelphia uma estatua a Franklin sobre o frontão da bibliotheca fundada por elle.

Em 1856 se lhe levantou outra na praça municipal de Boston, patria d'este famoso legislador da America. É essa que reproduz a gravura que publicámos ao começar estes apontamentos da sua vida, que é, toda ella, uma lição eloquente do que póde a actividade no trabalho, a applicação ao estudo, a honra e probidade.

A VACCA LEITEIRA

A presente gravura foi reduzida de um quadro pintado a oleo pelo sr. Thomaz José da Annunciação, que é hoje, entre nós, quem prima na pintura de animaes e paizagem.

Tres figuras vemos n'elle, todas fielmente copiadas do natural.

A vaqueira é mocinha, ingenua, e mui satisfeita parece de ver medrar o bezerrinho com o pastio a que ella o guia.

A vacca está bem desenhada, é de boa pinta, nédia, refeita, posto que não seja das mais airosas.

E que fosse menos formosa (a vacca não é para o picadeiro é para o matadoiro) devemos sempre estimar em muito este animal, que é o sustento universal do genero humano, que nos dá nos filhos uma iguaria delicada, e no leite uma bebida deliciosa, de que se faz a manteiga e o queijo. Além de nos fornecer estes productos, a vacca tambem serve para os trabalhos do campo, e póde, como o boi, carrear, debulhar, e lavrar as terras fracas. Quando já não tem estes prestimos, aos dois terços da sua vida média, engordam-n'a para o açougue.

Assim se pagam tantos beneficios! Depois de morta, a vacca deixa por despojo util, além da carne, o cebo, a tripa, o coiro e as pontas.

Foi talvez para perpetuar na memoria do povo tantos beneficios, que os egypcios divinisaram a vacca sob o nome de *Isis*, divindade que tambem teve templos em Roma.

Entre nós, apenas nos proverbios a tomâmos por symbolo da abundancia.

O MAIOR RIO DO MUNDO

Aqui vou com os olhos fitos sobre o Amazonas, rio por certo o mais consideravel de todo o mundo, não só pela sua extensão pasmosa, mas ainda pela largura e profundeza de seu leito. Que magnifico espectaculo offerece aqui a natureza! De uma parte serras altissimas, não como as da Europa, fragosas e calvas, mas vestidas de arvoredo sempre fresco e viçoso até ao cume. A outra banda, apaulada e toda egual, cingida do mesmo arvoredo, e de um feno tão verde e mimoso que enleia a vista. Mas eu só considero agora o rio em si mesmo. Como corre pomposo e soberbo, revolvendo em suas empoladas ondas madeiros pesadissimos, e ameaçando estrago a tudo que se lhe põe diante! Rico do cabedal immenso das aguas que tem recebido de outros muitos rios, sempre insaciavel, não se demora jámais, continúa cada vez a adquirir novos augmentos até espraiar em fim no Oceano, e confundido com elle não ter mais nome nem gloria differente da sua!

Que variados e agradaveis paineis descobre a vista pelas margens d'este grande rio! Eis logo á primeira vista essas duas lamedas sempre frescas e viçosas que acompanham o grande rio constantemente em toda a sua extensão. Ah! de que variedade admiravel se não revestem! Aqui o arvoredo frondoso e cerrado, convidando o encalmado navegante a respirar á sua sombra; lá abrindo-se um pouco, e dando logar aos olhos para se dilatarem pelas espaçosas campinas que terminam o horisonte; para uma parte cedros elevadissimos, de uma grossura espantosa, o tronco meio desarreigado pela força da corrente, e ameaçando ruina com a sua quéda imminente; para outra, differentes arbustos copados e floridos enleiam a vista pela diversidade das côres. Repara para a multidão d'aves, que já parecem toldar o ceo, já matizam os campos com o engraçado da sua pintura, já, finalmente, sobre verdes ramos, abrindo as azas aos raios do sol, explicam por mil gorgeios a alegria que sentem n'estes logares amenos. Não vês como brilham lá ao longe as alvas areias de que está semeada aquella praia? Eis-alli voando em torno d'ella nuvens de passaros, e fazendo ver por seus redobrados gritos que lá tem o mais amavel domicilio. Cardumes de peixes de differente grandeza apparecem tambem volteando sobre as aguas que banham aquella situação encantadora. Mais adiante, olha como surgem do leito do grande rio barreiras empinadas e sublimes, que pelas diversas côres da materia de que se compõem servem de balisa ao atrevido navegante. Mas não te enche de assombro essa perenne e intricada cadêa de montanhas altissimas correndo ao longo da margem septentrional? Olha como parece querem desafiar as nuvens, e vão esconder n'ellas a sua mais alta superficie! Pois as caudalosas correntes que cortam estas mesmas serras, como se despenham com furioso impeto por cima de alcantiladas rochas até virem confundir-se com as aguas do grande rio! Vê para outro lado os placidos ribeiros, que lá correm murmurando por entre espessos e frondosos bosques, fazendo bulir mansamente a branca areia. Ahi tens uma nova ilha que a natureza vác formando no meio do rio, para servir de recurso aos vasos atacados da furiosa tormenta. Que lindo quadro! tenras vergonteas sobresaem á superficie d'agua; dirias que d'ella tiram a sua substancia; outras já profundamente arreigadas na terra, abrindo os ramos, e enfeitando-se de flores engraçadissimas; todo aquelle fresco terreno está como alcatifado de uma relva mimosa e verde que encanta o espirito!

D. FR. CAETANO BRANDÃO

CONTAS DE GRAN-CAPITÃO

DESPEZA MEDIA QUE FAZIA A CASA REAL NOS TRES ANNOS ANTERIORES Á SAIDA DEL-REI D. JOÃO VI PARA O BRASIL

(1804-1806)

Ucharia	322:733$000
Cavallariças	335:866$000
Cera	28:000$000
Botica	4:000$000
Oratorios	4:800$000
Tapadas	5:000$000
Falcoaria	4:333$000
Quintas e jardins	5:633$000
Casa das obras dos paços reaes	26:400$000
Guarda-roupa	34:433$000
Fardamento dos criados	11:900$000
Ordenados e aposentadorias	17:033$000
Enfermaria dos criados	26:900$000
Manadas do Riba-Tejo	4:300$000
Raças de potros de Alter	8:000$000
Mafra	53:433$000
Ordenados e ordinarias pagos pelo thesouro da casa real	60:600$000
Idem pagos pelo erario	10:000$000
Despeza do bolsinho	322:200$000
	1:285:564$000

Vinham a ser uns 3 milhões e meio por anno, ou perto de 9 mil cruzados por dia!

Esta conta foi feita á vista dos livros da escripturação da casa real, por uma commissão de deputados das cortes de 20, quando se tractou de fixar uma dotação ao rei, a qual se taxou na quantia annual de 365:000$000 rs., como ainda subsiste, com a differença que se lhe fazem deducções.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

CONCORDANCIA DO VERBO COM OS COLLECTIVOS DO SINGULAR

CARTA

Agradecendo novamente a v. a summa benevolencia com que sempre tem recebido as minhas questões grammaticaes, e o favor de me avisar de ter-se

extraviado a minha ultima carta, apresso-me em renovar a pergunta que n'aquella se fazia.

Versava ella sobre qual a melhor concordancia do verbo, quando o sujeito é um collectivo.

Deu occasião á minha duvida o ver, n'uma memoria do academico Francisco Dias (não assevero a citação), censurado o emprego do plural com o collectivo — parte. Creio que ha, certamente, muitos collectivos com os quaes tal syntaxe se não póde tolerar, mas que nunca tal se julgou quanto á palavra citada.

Peço licença para ainda apresentar outra duvida que me suggeriram as judiciosas reflexões de v. sobre o emprego do plural, quando o sujeito for *nem um nem outro* (ou expressão identica).

Ha casos em que julgo dever-se empregar exclusivamente o singular. Por exemplo n'esta phrase — «Nem um nem outro alcançou o premio».

Se o premio for unico, não diz o bom senso que esta é a *unica* syntaxe que deve seguir-se?

Mas v. , com a sua bem escolhida lição de classicos, melhor saberá dar resolução a estas questões grammaticaes, no que fará, certamente, grande serviço á mocidade; e para este fim peço licença de continuar a contribuir, propondo a v. novas duvidas.

Desculpe v. as continuadas impertinencias, etc. — *Fabio.*

RESPOSTA

É realmente mui varia a opinião dos grammaticos, e tambem diverso o uso dos nossos classicos, quanto á concordancia do verbo com o sujeito, quando este é nome collectivo no singular.

Parece-nos porém, que para a boa syntaxe, cumpre attender bem se o collectivo é *geral* ou *parcial* (partitivo lhe chamam os grammaticos para augmentar a confusão e impropriedade que ha na terminologia grammatical!).

Sabe-se que nome collectivo é aquelle que no numero singular designa collecção, multidão ou aggregação de pessoas ou coisas; e que quando representa a totalidade dos individuos ou objectos de que elle se fórma, se chama *geral;* quando apenas designa uma parte d'essa totalidade, se chama *parcial.*

O collectivo geral, em numero singular, embora exprima a idéa de pluralidade, não exige o verbo no plural, porque a virtude que tem o sujeito de significar multidão com a desinencia do numero singular, essa mesma virtude communica elle ao verbo. Alguns classicos seguem o uso contrario, mas tal uso não aconselhâmos n'este ponto.

Que necessidade ha de infringir as regras geraes da grammatica, sem proveito da idéa, da clareza, nem da harmonia do discurso?

Vamos apontar alguns exemplos classicos da concordancia do collectivo geral, no singular, com o verbo no plural, pelos quaes se verá, que dando-se-lhes a concordancia regular, todas as phrases que se seguem ficavam mais harmoniosas, e não menos intelligiveis.

Simão Mago appellidou um dia todo o *povo* romano para o *verem* subir ao ceo. — *Vieira.* Serm. t. 6. 293.

E como é coisa dura, em breve tempo, a *gente* barbara deixar os ritos e usos com que se *criaram.* — *Barros.* Dec. I. l. 2. c. 6.

Toda esta *clerezia tinham* tochas accesas nas mãos. — *Garcia de Resende.* Chron. de D. João II. Tresl. f. 131.

O mar era cheio de bateis mui ataviados, assim os da armada como outros de *gente* que *iam* ver. — *O mesmo auctor.* Ida da Infanta, fol. 149.

Dizendo que contra o nascimento do sol havia *gente* branca que *navegavam* em naus como aquellas. — *Barros.* Dec. 2. l. 3. c. 1.

Apparecerá em throno magestoso... Christo Jesus, a cuja vista se *abateram* prostrados, com profundissimo acatamento, *toda a multidão* immensa do genero humano resuscitado. — *Vieira.* Serm. 2. 43.

E como a *gente* de todas aquellas partes *tinham* pouca noticia da fortuna. *Brito.* — Hist. Trag. Marit. 1. 154.

Começando a caminhar pelo cerro acima, viram *gente* de cavallo que *vinham* da cidade em soccorro de uns archeiros que alli ficaram do desbarato passado. — *Com. de A. d'Albuquerque.* Part. 1. c. 48.

Ia o padre com *toda a multidão* de gente que lhe *iam* cantando ou chorando nas exequias. — *Balthasar Telles.* Chronica da Comp.

Abalou *o collegio* quasi todo em procissão pelas ruas de Coimbra *capitaneados* pelo seu reitor. — *Idem.*

Basta de exemplos que julgâmos se não devem seguir, e passemos agora aos que havemos por de melhor syntaxe. Contrapomos classicos a classicos, e alguns d'elles contra si mesmos, como se váe ver.

E logo no dia seguinte mandou o cardeal de Castella com toda sua *gente* de guerra, que então *estava* em Valhadolid, Tordesilhas e outros logares. — *Duarte Nunes de Leão.* Chron. del-rei D. Affonso V. c. 56.

Esta casta de *gente toma* ao revez a sentença dos Proverbios. — *Bernardes.* Floresta.

A *gente* popular *é* mui dada ao trabalho, assim da agricultura como da mechanica; e n'esta parte *é* tão subtil e industriosa. — *Barros.* Dec. 4. l. 5. c. 1.

A *gente* do povo *é* geralmente fraca e captiva de condição. — *Idem.*

Note-se porém que não é erro concordar o collectivo geral do singular com o verbo no plural, quando se emprega a syntaxe figurada, que auctorisa grande numero de suppressões, ampliações, e intenções, como todos sabem.

Esta mesma concordancia mental se faz não só do sujeito com o verbo, em numero e pessoa, mas tambem do substantivo com o adjectivo em genero e numero por syllepse. Mas nós aqui apenas tratâmos da concordancia do verbo, que é o que se propõe na judiciosa carta a que estamos respondendo.

É pela mesma figura syllepse que nos tratamentos que são do genero feminino se concorda o adjectivo com o sexo da pessoa de que se falla, por exemplo: *Sua alteza é sabio;* entendendo-se mentalmente o *principe*, o *infante*, etc. E tambem quando usamos o plural *vós* em logar de *eu*; por exemplo: *Antes* sejamos *breve que prolixo* (João de Barros), onde vemos estar o verbo concordando com o sujeito *nós* (occulto já por outra figura, a ellipse), e o adjectivo no singular concordando com o pronome *eu*, tambem subentendido.

Por similhante figura se faz a discordancia litteral (porém não mental) do verbo *haver*, na accepção activa de *existir*, como por exemplo: *Ha nações*; *houve bruxas, haja libras, haverá premios;* e similhantes concordancias mentaes, a que hoje só os *idiotas* chamam *idiotismo.* A este respeito releia-se e decore-se o que n'este mesmo semanario [1] escreveu o grande mestre contemporaneo da nossa lingua, o sr. A. F. de Castilho.

Se porém o collectivo geral for seguido de um substantivo correlato, no plural, regido da preposição *de*, e quizermos attender mais á qualidade das pessoas ou coisas que o substantivo exprime, do que á quantidade que o collectivo significa, então o verbo concorda-se com o plural d'esse tal substantivo. Poremos dois exemplos bem claros:

1 A pag. 297 do II vol.

Nunca me esquecerá aquelle teu dito: que mais era para temer um exercito *de ovelhas*, quando *tinham* por capitão um leão, que um de leões, se os capitaneava uma ovelha. — *Jorge Ferreira de Vasconcellos*. Ulyssipo.

A cavallaria dos moiros que *vieram* a seu chamado. — *Barros*. Dec.

Quando o collectivo é *parcial*, seguido tambem de um substantivo plural, com este concorda regularmente o verbo, porque o singular do collectivo vae incluido no plural d'este substantivo, como a parte no todo. Nos classicos é este uso quasi geral. Todavia apresentaremos alguns exemplos:

A maior *parte das regras* da grammatica portugueza *são* as mesmas de que usa a grammatica latina. — *Argote*. Regras da lingua portugueza.

A grande *copia de arvoredos* com que se enfeita a tosca penedia d'aquellas fragas, *temperam* o rigor das calmas. — *Fr. Bernardo de Brito*. Chronica de Cister, part. I. liv. 3. c. 13.

A maior *parte das paredes* se *vão* juntar e acabar em uma só pyramide. *Lucena*. Vida de S. Francisco Xavier l. 2.

Dentro em pouco *estavam* em Roma grande *quantidade* de *porcelanas* de toda a sorte. — *Fr. Luiz de Souza*. Vid. do Arc.

Das ovelhas, a maior *parte*, ao desamparo se *perderam*. — *Rodrigues Lobo*. Prim. Flor. 4. 19.

A maior *parte das personagens* mythologicas *são* emblemas allegoricos.

A fabula é uma *collecção* de allegorias que commummente *representam* entes methaphysicos personalisados. — *F. Dias Gomes*. Notas.

Quando porém se quer dar mais importancia á quantidade que significa o collectivo parcial, do que á qualidade que designa o substantivo plural, então o verbo concorda no singular com o sujeito collectivo. Por exemplo:

Um inverno, em que a aldeia estava feita corte, com homens de tanto apreço que a podiam fazer em qualquer parte, se *ajuntou* a maior *parte d'elles* em casa de um antigo morador d'aquelle logar. — *F. Rodrigues Lobo*. Corte na Aldeia. Dial. I.

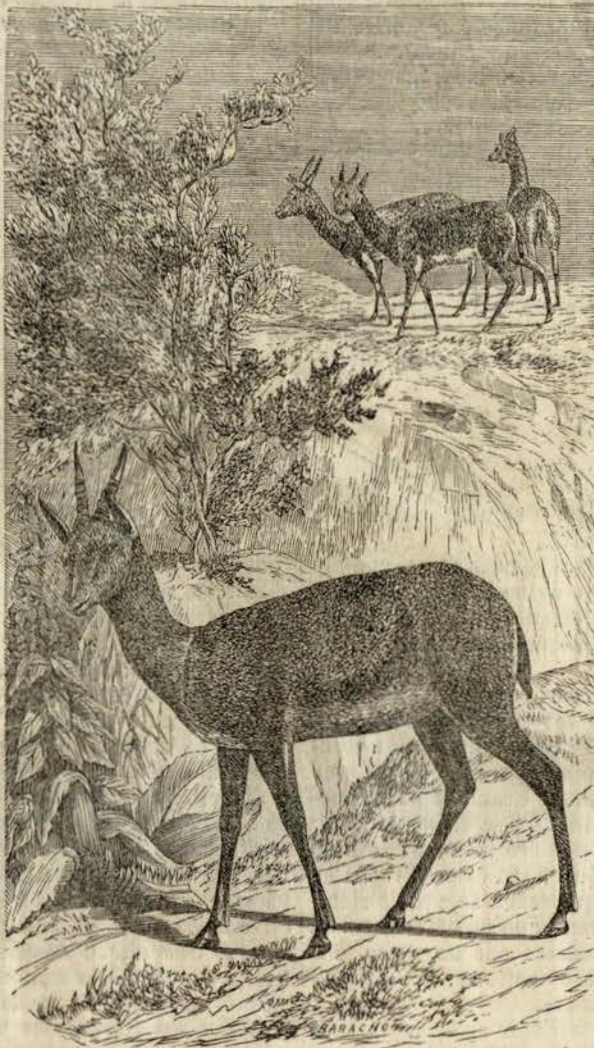
Resta-nos agora satisfazer á segunda pergunta.

A GAZELLA

A gazella pertence á numerosa tribu das antilopes, de que ha uma grande variedade.

Este genero de animaes tem muitas relações com os cabroilos, e ainda mais se aproxima ao das cabras. Uma das principaes differenças é que as gazellas não são barbadas por baixo dos queixos; tem quasi todas uma lista espessa de cerdas pretas, pardas ou ruivas na parte inferior das ilhargas, e tres raios verticaes de pello esbranquiçado na face interna das orelhas; os paus são divididos horisontalmente em anneis, e perpendicularmente por estrias ou regos profundos, ao contrario dos paus dos cabroilos ou gorlitos, que só tem estrias transversaes.

Não é facil numerar hoje as especies ou variedades de gazellas dispersas pela Asia e Africa, que successivamente tem achado os viajantes naturalistas; ainda não ha muito o dr. Livingstone descobriu nas nossas colonias d'Africa uma especie nova.



Gazella

Estes animaes andam em bandos, aos centenares, e ás vezes dividem-se em familias, quasi sempre seguidos por leões, onças, leopardos, hyenas e outras feras que devoram grande parte d'elles.

A confiança, a mansidão, a docilidade e a timidez da gazella dão-lhes entre os quadrupedes o mesmo logar que tem a pomba entre as aves. Tem, sobre tudo, o olhar tão meigo e suave, que bem corresponde á sua brandura e docilidade. Por esta razão, os arabes, extremamente imaginosos, e insignes na linguagem figurada, em vez de dizerem, como os namorados europeus, que as suas apaixonadas são ternas e candidas como as pombas, dizem que tem os olhos mais suaves e ternos que os da gazella. Seja porém dito de passagem, que estas finezas ou comparações estão já tão estafadas entre nós e entre os arabes, que só se toleram lá nas *Mil e uma Noites*, e cá no *Retiro de Cuidados*.

O typo mais esbelto e agil da familia das gazellas é a chamada gazella saltante, ou salta-rochas, do cabo da Boa Esperança. É do tamanho de uma cabra commum; mas tem as pernas mais compridas, e o cabello loiro. A sua ligeireza é tal, que quando avista um homem, lança-se da crista dos rochedos, e de um salto transpõe abysmos horrorosos, e apparece logo na ponta de outro rochedo mui distante. Se tivesse azas não podia fazer mais.

N'estas summidades escabrosas é que a gazella-saltante habita. Quando se vê perseguida pelos cães ou pelos caçadores, deixa-se cair sobre as quebradas e pontaes das rochas, onde parece incrivel poder-se ter, e é muitas vezes no meio d'estes saltos mortaes que a bala do caçador a vae ferir, e a faz rolar até ao fundo dos abysmos. A carne d'esta gazella é tão estimada, como a do veado, e o cabello serve para colxões.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.